

A PAIDEIA GREGA E A FORMAÇÃO PASTORAL EVANGÉLICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: UMA PROPOSTA.¹

João Victor Lamim Antunes²

Resumo

As igrejas evangélicas brasileiras têm enfrentado uma crise no que diz respeito a preservação da tradição e a formação de novos pastores. É notória a pobreza intelectual e, às vezes, moral dos líderes evangélicos. O cenário não oferece grande estabilidade para as futuras gerações e faz-se necessário o renascimento de ideais que foram importantes para o cristianismo primitivo. Neste texto serão apresentados dados importantes sobre a interação entre cristianismo, especialmente em seu início, e *paideia* grega. Serão elencados alguns princípios que nortearam a formação dos líderes das comunidades cristãs antigas e os princípios que norteiam os seminários contemporâneos no Brasil. Serão levantadas possíveis relações construtivas entre eles visando uma melhor formação dos ministros brasileiros. Se utilizará dos princípios de integralidade e pessoalidade como proposta para uma formação pastoral eficaz.

Palavras-chave: *paideia*; cristianismo primitivo; formação pastoral; integralidade; pessoalidade.

INTRODUÇÃO

Com a ênfase da modernidade no objetivismo científico e no experimentalismo individual, a *paideia* deixou de ser um modelo de educação ativo na experiência de formação pastoral e se tornou mero objeto de análise científica. Assim, a modernidade causou um abalo nas estruturas da formação pastoral ao relativizar fundamentos que antes formavam a base do pensamento e da formação do ser humano ocidental. Neste cenário, esse artigo incita o renascimento dos ideais gregos para revitalização da formação pastoral brasileira.

Como parte dessa discussão (I) os ideais gregos que formam a *paideia* serão analisados assim como a simbiose entre esses e cristianismo primitivo; (II) se apresentará o comportamento da educação pastoral brasileira contemporânea e (III) como os ideais da *paideia* podem ser interessantes para um modelo de formação de pastores no Brasil.

Visto que o conceito de *paideia* é amplo e complexo, algumas particularidades deste modelo de educação (cultura) serão destacadas, para assim conseguir compreender como, e em que, os ideais pedagógicos gregos podem contribuir para a formação de pastores no Brasil.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de Artigo como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória no ano de 2019, sob orientação do professor José Mario Gonçalves.

² Graduando do Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo.

1. PAIDEIA GREGA

Por conta do distanciamento histórico e gramatical, conceituar *paideia* em uma simples palavra se torna difícil. Seria necessário utilizar expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação, de uma só vez, assim, conseguiríamos conceituar *paideia*.³

A palavra *paideia* é oriunda de *paidos* que significa criança. *Paideia*, em seu sentido simples, significa criação de meninos. O desenvolvimento da palavra vai ser fomentado através dos tempos sempre em conexão com educação e cultura.

Na *paideia*, tinha-se como objetivo e reflexo, a transmissão dos costumes coletivos da Grécia Antiga. Há então a evolução do sentido de *paideia*: *paideia* passa a ser a implantação dos modelos dos ancestrais, transmissão de cultura, “educação”⁴:

A educação é a técnica coletiva pela qual uma sociedade inicia sua geração jovem nos valores e nas técnicas que caracterizam a vida de sua civilização. A educação é, pois, um fenômeno secundário e subordinado a esta última, da qual normalmente representa como que um resumo e uma condensação.⁵

A educação só é possível, quando a cultura já está bem concebida enquanto tal: “é necessário, de início, que uma civilização atinja sua própria Forma, para poder engendrar depois a educação que a refletirá.”⁶

Esse processo de cultura presente no período arcaico era fundamentado na oralidade. Homero ganha significado e notoriedade ao condensar e copilar a tradição grega clássica em obras poéticas. Homero se estabelece como o “educador de toda a Grécia”⁷ e a educação grega passa a memorizar e recitar suas obras com uma finalidade didática e moral.⁸

Homero fortalecerá através de sua epopeia, o ideal grego de educação, que vai se distinguir em dois aspectos:

Uma *técnica*, pela qual a criança é preparada e progressivamente iniciada em determinado modo de vida, e uma *ética*, algo mais que uma simples moral de preceitos: certo ideal da existência, um tipo ideal de homem a realizar.⁹

Pode-se notar que o ideal grego se fundamenta na formação do espírito e do caráter. *Paideia* é a conexão entre o interior e o exterior: uma alma bela que resulta numa vida bela. A educação homérica introduz o homem a um modelo de vida/trabalho e o educa como cidadão, tendo um ideal de beleza como padrão.

³ JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. XXII.

⁴ ROBB, Kevin. *Literacy and Paideia in Ancient Greece*. New York: Oxford University Press, 1994. p.165-180.

⁵ MARROU, Henri-Iréné. *História da Educação na Antiguidade*. Campinas, SP: Kíron, 2017. p.22.

⁶ MARROU, 2017, p. 22.

⁷ PLATÃO. *A República*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016. p. 408.

⁸ MARROU, 2017, p. 33.

⁹ MARROU, 2017, p. 41.

Além do elemento da integralidade, presente na educação homérica, nota-se o caráter pessoal em que a educação se dava: “o jovem recebia dos conselhos e dos exemplos de um mais velho a quem tinha sido confiado, em vista de sua formação.”¹⁰

Uma segunda fase da educação Grega se estabelece com Platão e Isócrates, que concedem forma definitiva e plenamente desenvolvida a esta. Com o Helenismo o modelo se espalha pelo oriente e logo depois se infiltra no Império Romano quando Roma domina, através de forças militares, os gregos. As invasões barbaras no império bizantino fragilizam a cultura grega infundida no império, mas o cristianismo faz ressurgir alguns ideais da *paideia* clássica através do monasticismo.¹¹

1.1. A INFLUÊNCIA DA PAIDEIA GREGA NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Com o ímpeto missionário/evangelístico do cristianismo unido a universalidade da cultura grega, o ideal grego de cultura foi levado aos povos através da cultura disseminada pelos primeiros missionários, apologistas e ascetas cristãos:

O sonho de Alexandre, quando fundou a cidade que leva o seu nome, estava agora para ser realizado: dois sistemas universais, a cultura grega e a igreja cristã, estavam prestes a se unir na poderosa superestrutura da teologia alexandrina.¹²

O Cristianismo é um movimento com origem no Judaísmo tardio, que, por sua vez, já havia sido helenizado. O *Christianoi* surge no seio da cultura grega: a cidade de Antioquia é o lugar onde os seguidores de Jesus são chamados pela primeira vez de Cristãos.¹³ O primeiro estágio de um helenismo Cristão é o uso da língua grega, que é muito relevante visto que, “com a linguagem grega todo um mundo de conceitos, categorias de pensamento, metáforas herdadas, e conotações sutis entram no pensamento cristão.”¹⁴

Um segundo passo do cristianismo dentro desse mundo da *paideia* grega é a expansão da verdade cristã através do ímpeto missionário: os missionários cristãos se voltam não apenas para os judeus da Diáspora, mas também para os judeus da palestina. O grego estava impregnado na aristocracia judaica e nas classes educadas, e se fazia presente, de forma significativa, no comércio e nos negócios da região Palestina. Vale ressaltar que a comunidade

¹⁰ MARROU, 2017, p. 41.

¹¹ MARROU, 2017, p. 23.

¹² JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014. p. 54.

¹³ Atos dos Apóstolos 11:26.

¹⁴ JAEGER, 2014, p. 13.

apostólica de Jerusalém, logo após o martírio de Estevão, “foi dispersa por toda a Palestina e começou as atitudes missionárias da próxima geração”.¹⁵

No discurso de Paulo em Atenas¹⁶, que era o centro cultural e intelectual do mundo grego clássico e um símbolo da tradição grega histórica, Paulo, ao falar sobre o Deus desconhecido, utiliza poetas gregos, seus argumentos são estoicos e ao fazer isso se fundamenta em uma tradição lógica de origem grega.

O autor do livro de Atos do apóstolo Filipe, imita esta passagem do Atos canônico colocando Filipe em uma posição semelhante à de Paulo: o apóstolo chega a Atenas e fala ao mesmo tipo de pessoas sobre a mesma questão: “ele faz o apóstolo dizer: ‘Vim para Atenas a fim de revelar-vos a *paideia* de Cristo.’”¹⁷

A *paideia*, enquanto modelo ideal de cultura que visa alcançar o modelo ideal de homem, passa a ser a “*paideia* de Cristo”. Ao utilizar essa expressão o autor faz parecer que o cristianismo é a continuação da *paideia* grega clássica. Agora, o cristianismo se torna o modelo ideal de cultura e Cristo é o modelo de homem perfeito: Cristo é o centro dessa nova cultura e a *paideia* clássica começa a ser utilizada como instrumento missionário cristão no mundo helênico.

Posteriormente, Clemente de Alexandria, Justino Mártir, Orígenes entre outros, vão utilizar a filosofia grega para proteger o cristianismo das acusações, romanas e judaicas, de ser uma literatura pagã: “a defesa do cristianismo tinha de empregar argumentos filosóficos sempre.”¹⁸

Sócrates já não tinha sofrido a morte de um mártir por seu conceito mais puro do Divino? Ele era o protótipo do sofredor justo, um verdadeiro *typos*, como algumas das figuras do Antigo Testamento que se supunha apontarem antecipadamente para a vinda de Cristo.¹⁹

De igual modo os estoicos fazem uso da tradição grega clássica:

O princípio divino e causa do mundo era o Logos, que penetrava tudo que existe. Esse logos, que Sócrates havia parcialmente antecipado, tinha tomado a forma humana em Cristo, como o quarto evangelho o diz, pois Cristo ali aparece como o poder criador da palavra por meio da qual o mundo foi feito.²⁰

Além da filosofia grega impregnada na literatura e vida dos primeiros cristãos, o modelo de educação, integralidade e personalidade, também estavam presentes na cultura do

¹⁵ JAEGER, 2014, p. 13,14.

¹⁶ Atos dos Apóstolos 17.17

¹⁷ JAEGER, 2014, p. 22.

¹⁸ JAEGER, 2014, p. 39.

¹⁹ JAEGER, 2014, p. 40.

²⁰ JAEGER, 2014, p. 40.

cristianismo primitivo. O cuidado de Paulo com Timóteo e, posteriormente, o de Orígenes com Heracla e Dionísio, formam alguns dos muitos exemplos que demonstram o estilo de educação grega fundamentando a educação dos mestres do cristianismo primitivo.²¹

1.2. SANTO AGOSTINHO E OS IDEAIS GREGOS DE EDUCAÇÃO

O cristianismo primitivo fez uso de tudo que é natural e válido racionalmente para implantar sua cosmovisão no mundo. Desta forma, o cristianismo se ocupou menos com o método do que com a finalidade da educação: a contribuição do cristianismo para a educação consiste em nova visão da verdade.²²

Por conta das perseguições oficiais e socioculturais, os cristãos do primeiro século não puderam contribuir com a educação implantando escolas de ensino cristãs, por conta disso confiavam seus filhos a educação greco-romana da época através das escolas oficiais ou das instituições mantidas pelos mestres da região. Nos primeiros séculos da era cristã, os cristãos se distinguiam por conta das suas convicções morais e práticas religiosas.

Perfeitamente consciente da necessidade que o caráter “douto”, letrado, da religião cristã impunha ao crente, de ter acesso à cultura literária, a igreja não viu outra solução senão deixar a juventude formar-se nas escolas do tipo helenístico tradicional. Teoria e Prática estão aqui perfeitamente de acordo.²³

A partir do século III, o corpo doutrinário cristão passou a se destacar em alguns dos grandes centros do Oriente e do Ocidente: no oriente, destaca-se Alexandria, que gera nomes como Clemente de Alexandria, Orígenes e os irmãos capadócijs São Basílio, São Gregório de Nissa e São Gregório de Nazianzo; Em Antioquia é desenvolvida a escola de exegetas composta por São João Crisóstomo, Santo Efrém entre outros. No Ocidente, nasce no norte da África, Cartago, que dará luz a personagens como Tertuliano, Lactâncio, São Cipriano e por fim, o Bispo de Hipona, Santo Agostinho.

Durante o período da patrística (séc II – V), as bases da teologia cristã foram formadas e os *Padres da Igreja*²⁴ serviram de base para toda educação teológica cristã posterior. Neste período, destaca-se a figura de Santo Agostinho, já citado acima, como último, e talvez mais importante, pensador do mundo antigo.

²¹ MARROU. 2017, p. 525.

²² NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação na Antiguidade Cristã*. Campinas, SP: Kírion. 2ª edição. 2018. p.19.

²³ MARROU. 2017, p. 515.

²⁴ NUNES, 2018, p. 20.

Agostinho nasceu em 354, em Tagaste na Numídia (hoje Souk-Ahras). Seu pai era pagão e foi batizado na hora da morte; sua mãe era mulher cristã piedosa e educou seu filho cristãmente. Desde pequeno, Agostinho demonstrava aptidão pela filosofia e começou seus primeiros anos de estudo na escola da pequena cidade onde nasceu. Posteriormente, ele é conduzido a Madaura, cidade vizinha de Tagaste, e se entrega ao estudo dos clássicos latinos.

No ano de 370, Agostinho retomou os estudos e foi para Cartago, capital da África. Ali, ele tem o primeiro contato com a retórica, dialética, entre outras disciplinas. Mais tarde, ainda em Cartago, Agostinho abre uma escola de retórica fazendo muitos seguidores e apaixonados. De 384-386, leciona em Milão, Roma. Em 396 é ordenado bispo da diocese de Hipona e é aclamado pelo povo. Em Hipona, faz muitos discípulos e desenvolve ideias teológicas e filosóficas que permanecem vivas até a contemporaneidade.²⁵

Tendo em vista a formação robusta de Agostinho com sua apreciação pelas artes liberais e pela filosofia, e sua importância como mentor espiritual da Idade Média, vale destacar em que aspectos o modelo grego de educação está presente na sua vida.

Santo Agostinho teve grande experiência de magistério e com a intenção de orientar seus alunos redigiu o famoso tratado *Sobre a Doutrina Cristã*. No livro 1 de sua obra, encontra-se o ideal que já estava presente na *paideia* Grega:

Devemos purificar o nosso espírito, a fim de nos tornarmos capazes de ver a luz divina e de a ela aderirmos. Julgamos que essa purificação é uma espécie de marcha e de navegação no rumo da pátria, pois não podemos dirigir-nos Àquele que se acha em toda a parte por meio de mudanças locais, mas por meio de bons desejos e de bons costumes.²⁶

A alma bela que transmuta em vida bela. Este ideal vai direcionar a vida de Agostinho e suas obras. Para Agostinho, ler e estudar a respeito de Deus é necessário, porém é preciso que haja mudança de vida, purificação de espírito e busca das virtudes.

No livro 2, encontramos o ideal educacional de integralidade já mencionado acima:

Não se atrevam a consagrar-se sem inquietação às ciências liberais professadas fora da Igreja, como se elas fossem indispensáveis para alcançar a vida feliz. Os jovens devem submetê-las a exame criterioso e sereno, pois as ciências profanas só lhes devem interessar enquanto servirem de adminículo para o estudo da Sagrada Escritura e para auxílio na tarefa de interpretação das suas passagens obscuras.²⁷

²⁵ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus. 1984. p. 5-12.

²⁶ AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002. P.37-38.

²⁷ AGOSTINHO, 2002. p. 88.

Agostinho não descarta o estudo das artes liberais, porém orienta que os jovens as coloquem, sempre, em julgamento. Os óculos para julgar as artes liberais é a Bíblia.

Ainda sobre a integralidade, Agostinho acredita que o estudo da Sagrada Escritura exige conhecimento dos sinais próprios e figurados. O primeiro, diz respeito ao conhecimento das línguas: Latim, Grego e Hebraico. O conhecimento das línguas ajuda a resolver as ambigüidades do texto, a corrigir os erros de tradução e a ingressar nos sinais figurados. O segundo, isto é, os sinais figurados, dizem respeito às ciências naturais: zoologia, botânica, geologia, geografia, aritmética, geometria, música, astronomia, e principalmente, gramática, retórica dialética, história e filosofia. Em relação a Filosofia, Agostinho usa a metáfora dos “despojos dos egípcios”²⁸ para falar sobre o direito de os cristãos utilizarem e reivindicarem de tudo o que os filósofos disseram de verdadeiro, especialmente os platônicos.²⁹

Além das obras *Da Doutrina Cristã*, *A Instrução dos Catecúmenos e Confissões*, Agostinho também explorou pontos importantes sobre a educação na sua obra *De Magistro*. Essa é um diálogo com seu filho Adeodato, que expressa bem o caráter pessoal da educação prestigiada pelo Bispo de Hipona.

Na obra *De Magistro*, Agostinho ensina seu filho sobre o uso das palavras e a importância dos signos e da fala. Mais, Agostinho enfatiza a importância de os Mestres transmitirem aos aprendizes, através das palavras, todo o conjunto de disciplinas que afirmam ensinar, para que assim, os discípulos decidam, em si mesmos, ignorar ou aceitar como verdade o que os mestre ensinam.

Pois quem é tão estupidamente curioso a ponto de mandar seu filho para a escola a fim de que aprenda o que pensa o mestre? Ao contrário, quando eles tiverem exposto com palavras todas as disciplinas que afirmam ensinar, incluindo as da virtude e da sabedoria, é então que os chamados discípulos vão considerar em si mesmos se foram ditas coisas verdadeiras, examinando aquela verdade interior conforme suas forças. E só então que aprenderão.³⁰

Quando os discípulos adquirirem um arsenal de conhecimentos e julgarem dentro de si mesmos o que foi dito, poderão reconhecer o mestre como tal. Assim, é importante que o mestre saiba o que está ensinando, para que não haja “intervalo entre o momento da fala e o do conhecimento.”³¹

²⁸ AGOSTINHO, 2002. p. 89-90.

²⁹ NUNES, 2018, p. 243-244.

³⁰ AGOSTINHO, Santo. *Sobre o Mestre*. São Paulo: Kírión. 2017. p. 111.

³¹ AGOSTINHO, 2017. p. 111.

Visto que os cristãos ainda não tinham formado escolas próprias de ensino e que a educação cristã era realizada dentro das casas pelos próprios pais, o caráter pessoal da educação tinha papel importante. Apenas uma educação pessoal conseguiria transmitir os ideias propostos pelo que veio a ser a *Paideia* de Cristo: os cristãos eram doutos, versados na filosofia grega e nos clássicos latinos e ao mesmo tempo seguiam o ideal grego de alma bela que culmina em vida bela. Os filhos eram entregues as escolas da época para aprenderem sobre as artes liberais e eram educados pelos pais no conjunto moral do cristianismo.

Para Agostinho era importante que os líderes cristãos da época tivessem os conjuntos de saberes mencionados acima para poderem fazer bom uso de sua reputação. Deveriam passar de transmissores para conhecedores das verdades bíblicas, e isso só era possível com um conhecimento mínimo das artes e da retórica.

2. A FORMAÇÃO DE PASTORES EVANGÉLICOS NO BRASIL HODIERNO

Esta parte do trabalho apresentará o cenário atual do modelo de formação utilizado pelas Igrejas brasileiras para a formação de seus sacerdotes, e suas consequências. Analisaremos alguns fenômenos importantes que compõem a formação dos pastores no Brasil: (I) o fenômeno da terceirização; (II) o dualismo entre o espiritual e o material; (III) e a anulação do Humano.

As denominações evangélicas têm experimentado um crescimento considerável no Brasil.³² Não podemos negar o papel fundamental que a igreja desempenhou na fundação de Universidades, na educação em geral, na ajuda humanitária, entre outras ações positivas realizadas através do tempo. Porém, há a necessidade de se pensar, também, como tem acontecido o processo de formação dos líderes dessas igrejas, nesse caso, no Brasil.

O crescimento das igrejas evangélicas levanta algumas questões que merecem atenção: (I) os pastores têm recebido formação adequada para exercerem o ministério Pastoral? (II) Os pastores têm conseguido lidar com o crescimento de suas comunidades sem perder de vista a profundidade do discipulado? (III) Os pastores conseguem, de alguma forma, impactar o contexto social em que estão inseridos de forma positiva? (IV) Como os pastores têm reagido as cobranças do ministério pastoral? (V) Como eles lidam com suas mazelas? (VI) E com as mazelas da comunidade?

Apesar do monasticismo da Idade Média, que servia de centro de estudo e ascetismo para os monges, as instituições que chamamos hoje de seminários ou escolas teológicas são

³²ALVES, José Eustáquio. *O fenômeno evangélico em números*. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Sociedade-e-Cultura/O-fenomeno-evangelico-em-numeros/52/44150>>. Acesso em: 21 jul. de 2019.

invenções modernas que tem origem na Reforma Protestante quando as igrejas protestantes começaram a exigir o estudo antes da ordenação de seus ministros. Logo, estamos falando de algo, relativamente, novo.³³

O século XVI, com a Reforma Protestante, deu importância a preparação teológica dos ministros, porém, foi no séc. XVII, através do escolasticismo protestante e da controvérsia antiprotestante, que, de fato, houve um investimento na formação deles: “por conseguinte, já naquele século, várias denominações adotaram requisitos acadêmicos que os candidatos deveriam preencher antes da ordenação.”³⁴

No século XVIII, com o pietismo, a Universidade de Halle se tornou um grande centro de preparação de missionários e os Metodistas estabeleceram grande número de escolas para a preparação de seus pregadores na Inglaterra e na América do Norte. Os séculos XIX e XX, com a ênfase no pensamento crítico e no objetivismo científico, fizeram das universidades grandes centros de estudos críticos e racionais, o que gerou, na teologia, “estudos alienados das necessidades das igrejas e dos púlpitos.”³⁵

Nota-se que, com o passar dos anos, a teologia foi se afastando das comunidades de fé e os modelos de educação pastoral que nela estavam fundamentados foram perdendo o foco na vida comunitária.

2.1. O FENÔMENO DA TERCEIRIZAÇÃO

A terceirização é um fenômeno empresarial que tem por objetivo diminuir custos e economizar recursos agilizando e desburocratizando o processo administrativo. Contrata-se outra empresa para realizar o serviço que, outrora, era seu. As igrejas terceirizaram a formação pastoral: os jovens que aspiram o pastorado devem ser enviados a um centro de capacitação teológica onde vão adquirir repertório suficiente para exercerem o ministério nas comunidades locais.

A educação teológica prepara líderes para as igrejas locais. Não é apenas nos seminários que ocorre a educação teológica. Ela ocorre nos departamentos de Teologia e Ciência da Religião das universidades. Ela ocorre nas igrejas. Ela ocorre sempre que alguém se põe a ler e a meditar metodologicamente sobre a Revelação Bíblica. Ela também ocorre – é óbvio – nos seminários, e é a estes que cabe a função precípua de formar os pastores para a Igreja.³⁶

³³ GONZÁLEZ, Justo L. *Ministério: vocação ou profissão*. São Paulo: Hagnos, 2012. p.157.

³⁴ GONZÁLEZ, 2012, p. 161.

³⁵ GONZÁLEZ, 2012, p. 161

³⁶ OLIVEIRA, Marcos Cavalcante de; HACK, Osvaldo Henrique. *Educação teológica presbiteriana: diretrizes e propostas*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002. p. 75.

Nota-se que a Junta de educação teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil não tem dificuldade em reconhecer que o conhecimento teológico acontece em espaços outros que não sejam escolas teológicas ou seminários, porém cabe a esses formar os pastores que, posteriormente, vão ser ordenados para as igrejas que fazem parte da denominação.

De igual modo, as Igrejas Metodistas,³⁷ Batista Nacional³⁸ e a igreja evangélica de confissão Luterana no Brasil³⁹ possuem um centro de capacitação onde o seminarista deverá adentrar para realizar seu processo de formação pastoral. Porém, ter um seminário próprio é um luxo que muitas igrejas não podem ter. É necessário ressaltar que há no Brasil muitas igrejas independentes oriundas do protestantismo de missão, igrejas novas que demonstram certas semelhanças com o movimento evangélico norte-americano, além das igrejas pentecostais e neopentecostais.

Pode acontecer com os aspirantes ao pastorado das igrejas que não possuem seminários de sua própria confissão de fé algumas eventualidades: serem enviados a um curso de teologia antes da ordenação, serem verdadeiramente capacitados pelos próprios pastores, o que é uma raridade, ou apenas serem soltos nesse mundo solitário conhecido como ministério pastoral.

Uma outra situação que deve receber atenção é o fato de os seminários teológicos não estarem presentes nas cidades de menor expressão populacional, o que acarreta um deslocamento dos aspirantes para a cidade que o possibilita estudar. O que não é percebido, na maioria das vezes, é que, ao se deslocarem para outra cidade, os estudantes são privados de uma série de fatores que poderiam contribuir intensivamente para sua formação ministerial.

O contexto social em que foi criado é abandonado, assim como a família e amigos, o jovem deve criar raízes em outro espaço e estabelecer novas comunicações, o que em análise, não é negativo. Porém, o jovem também se vê distante de sua comunidade de fé, o que dificulta sua relação com ela.

Outro problema é o hiato, geográfico e intelectual, existente entre seminário teológico e comunidade de fé: a estrutura social onde o seminário está inserido é diferente da conjuntura

³⁷ Expositor Cristão. *Vocação Pastoral*. [S. l.], ano 129, n. 03, mar. 2015. Palavra Episcopal. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/expositor-cristao/expositor-cristao-2015-03.pdf>>. Acesso em: 11 out. de 2019. p. 3.

³⁸ RODRIGUES, M. V. *A educação superior na formação de pastores batistas: um estudo sobre a Faculdade Teológica Batista de Campinas*. Orientador: prof. dr. Eliézer Eizzo de oliveira (IFCH) prof. dr. Eduardo Chaves (FE). 2001. 222 f. Dissertação (mestrado em história, filosofia e educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. p.131-159.

³⁹ NETO, Rodolfo Gaede. A formação teológica na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil através da EST. *Revista Caminhando* v. 14, n. 2, p. 43-54, jul./dez. 2009. p.44.

social da comunidade de fé; além disso, periodicamente, o corpo de ideias que é tratado no seminário não corresponde ao grito da comunidade local de onde e para onde o seminarista vai.

É necessário esclarecer alguns pontos: 1. Os aspirantes ao pastorado são formados enquanto cristãos na comunidade de fé local. 2. A comunidade de fé local tem seu contexto (suas particularidades) e ele é único. 3. Os seminários teológicos fazem parte de outro contexto. 4. Logo, acontece, de fato, a terceirização da formação pastoral: os aspirantes são retirados de seu contexto social, onde podiam crescer e atuar de forma mais significativa, e são levados a outra realidade social que difere da conjuntura no qual ele foi formado.

2.2. DUALISMO: COISAS DO CÉU *VERSUS* COISAS DA TERRA, E A ANULAÇÃO DO HUMANO

Outro fenômeno que merece atenção é o dualismo existente na formação pastoral, onde o espiritual é colocado em detrimento do material, que acaba por gerar uma anulação do ser humano enquanto tal: a alma foi valorizada em detrimento do corpo, “a vida no céu em detrimento da vida na terra, o Jesus divino em detrimento do Jesus humano.”⁴⁰

A origem do pensamento dualista na Igreja nos remonta ao período de infiltração das ideias gnósticas no cristianismo primitivo, séc. II. Porém, o gnosticismo encontra seu fundamento no dualismo antropológico platônico:

E é este então o pensamento que nos guia: durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma estiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. [...] O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas, que por seu intermédio (sim, verdadeiramente é o que se diz) não receberemos na verdade nenhum pensamento sensato.⁴¹

Platão faz uma divisão entre Mundo Sensível e Mundo das Ideias, ou Inteligível. Pertencem ao Mundo Sensível tudo que é temporal, mutável e ilusório. As coisas do Mundo das Ideias são caracterizadas pela sua imutabilidade e essência divina perfeita. As duas coisas estão presentes no homem: a alma, oriunda do Mundo das Ideias e o corpo que é matéria, corruptível, pertencente ao Mundo Sensível.

O imaginário problemático criado em relação ao corpo é comum entre os gregos. No séc. V a.C., o Orfismo já havia problematizado o corpo: “a união da alma com um corpo, como

⁴⁰ ROSA, Wanderley. *O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p.18.

⁴¹ PLATÃO. *Diálogos: o banquete, Fédon, Sofista, Político*. São Paulo: Abril Cultural, Os pensadores 3, 1972. P.63-66.

se disse, é uma punição de uma obscura culpa originária por ela cometida e é, ao mesmo tempo, expiação de tal culpa.”⁴² O Orfismo parece adivinhar o conteúdo ético fundamental da obra *Fédon*, de Platão, citada acima: “difícil é a luta contra o desejo, pois o que este quer, compra-o a preço da alma.”⁴³ Saciar o corpo, significa perder a alma.

Visto que todo esse cenário problemático criado a partir das filosofias gregas antigas adentrou o cristianismo ainda em seu estado prematuro, se torna entendível a causa da anulação do Humano enquanto tal. O desprezo pelo corpo e pelas coisas terrenas é um problema real dentro das comunidades de fé e dos seminários cristãos e não é diferente no Brasil.

O dualismo cristão tem criado um desprezo pelas coisas da terra: fecha-se os olhos para os problemas sociais das comunidades cristãs; os problemas de ordem espirituais são colocados no centro. As paixões, os desejos, as vontades e necessidades do Humano são sempre colocados de lado, pior, habitualmente, são demonizadas. Isso tem causado um estado degradante de melancolia, angústia, insatisfação no corpo de Cristo.

O número de evangélicos no Brasil cresce “assustadoramente”, porém, ainda se tem pouca presença deles na esfera social. Os seminários se ocupam com a transmissão dos métodos e categorias científicas, trabalham intensamente a vida piedosa, porém demonizam tudo que não faz parte do sagrado⁴⁴. Há uma preocupação extrema, de cunho escatológico, com o que há de vir, e há pouca reflexão sobre o mundo daqui.

As igrejas brasileiras estão repletas dessa teologia dualista: música, livros, lugares, relacionamentos, roupas, todos esses elementos são enquadrados na perspectiva do sagrado *versus* o profano, sendo o último demonizado. Essa visão produz profunda divisão entre fé e vida cotidiana, entre teoria e *práxis*: a humanidade está à espera de uma manifestação cristã que diga que o mundo é mal, mas se empenhe em modificá-lo. Um fato: muita “fé” pouca obra.⁴⁵

3. OS PRINCÍPIOS DE INTEGRALIDADE E PESSOALIDADE DA PAIDEIA COMO MODELO PARA A FORMAÇÃO DE PASTORES

Na parte I deste trabalho foram apresentados os conceitos principais que nortearam a vida grega e como o cristianismo primitivo fez uso disso para a propagação e consolidação do seu *kérygma*. Posteriormente, descreveu-se alguns aspectos da formação de pastores no Brasil

⁴² REALE, Giovanni. *Pré-socráticos e Orfismo*: história da filosofia grega e romana vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola 2012. p. 87.

⁴³ REALE, 2012, p. 71.

⁴⁴ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 15-23.

⁴⁵ Epístola de São Tiago 2:14-26.

contemporâneo. Aqui, se utilizará os princípios de integralidade e pessoalidade da *paideia* grega como resposta ao atual cenário em que a formação pastoral acontece no Brasil.

As igrejas desempenham papel importante na sociedade, seus líderes têm a função de direcioná-la com cuidado. O mundo espera a manifestação dos filhos de Deus. Uma manifestação que seja sólida, inteligente, espiritual e caridosa. Jesus reconfigurou a história e semeou no coração dos discípulos a palavra que determinaria o avanço de sua mensagem de salvação pelo mundo. Esta mensagem foi passada de geração a geração, e homens e mulheres foram encarregados de manter viva a chama do altar no decorrer dos séculos. É importante que os ministros consigam desenvolver, de forma cristocêntrica, sua atuação no mundo, para que assim se possa, de fato, avançar.

Mas, em contrapartida, também é preciso dizer que, em seus melhores tempos, a igreja possuía um ministério educado, e que uma das características dos piores momentos foi sempre a ignorância por parte do clero. [...] Todos os grandes líderes da igreja antiga foram pessoas altamente educadas.⁴⁶

Dentro do quadro, já abordado, da formação de pastores no Brasil, algumas questões foram elencadas. Nota-se que a igreja brasileira cresce de forma significativa, porém ainda se tem pouca atuação dela no espaço público. Outro dilema que tem encontrado a Igreja é o suicídio entre pastores. Depressão, ansiedade, entre outros males, tem tragado a vida dos ministros e mostrado sua força no mundo.⁴⁷ Muitas são as considerações que podem ser levantadas a respeito do cenário atual e como a Igreja deveria impactar a sociedade. Então, uma pergunta servirá de condução para o desenvolvimento desta parte: como os ideais pedagógicos da Grécia Antiga podem contribuir para a formação pastoral contemporânea?

3.1. UMA FORMAÇÃO INTEGRAL

A fragmentação da educação tem sido altamente prejudicial à cultura ocidental e consequentemente a Igreja cristã. A expansão do conhecimento humano, caminhando lado a lado com a especialização, faz com que cada dia se saiba menos sobre o todo e mais sobre uma pequena parte.⁴⁸ A consequência disso para o ministério pastoral é o fato de que “por mais que um pastor ou pastora saiba, e por mais estudos que tenha, sempre haverá em sua congregação

⁴⁶ GONZÁLEZ, 2012, p. 157-158.

⁴⁷ BARRO, Jorge Henrique. *Suicídio e o gemido dos pastores*. Revista Ultimato, 2018. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/suicidio-e-o-gemido-dos-pastores>. Acesso em: 23/10/2019.

⁴⁸ MORRIN, Edgar. *Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.106.

diversas pessoas que, em algum outro campo do conhecimento, saberão bem mais do que o ministro”.⁴⁹

É necessário que a educação ministerial tenha um conhecimento mínimo das ciências a ponto de usá-las para seu fim. Como já foi dito acerca do pensamento de Agostinho, deve-se usar o conhecimento dos sinais próprios e figurados para se obter conhecimento sobre a Sagrada Escritura.⁵⁰ Além disso, é fundamental que o ministro saiba usar seu conhecimento a fim de promover diálogo com o restante do conhecimento humano.⁵¹

A compartimentalização do conhecimento tem gerado um abismo entre as partes tornando o todo um objeto desconhecido:

A supremacia de um conhecimento fragmentado em disciplinas com frequência é ineficiente para efetivar a ligação entre as partes e as totalidades e deve ceder lugar a um modo de conhecimento capaz de conceber os objetos em seus contextos, em seus complexos, em seus conjuntos.⁵²

Dentro das igrejas, é comum que o pastor saiba apenas transmitir e defender as doutrinas da denominação na qual ele faz parte, e tenha o mínimo de habilidades pastorais. É mais fácil ensinar as pessoas o que devem pensar do que as ensinar a pensar. Porém, ensinar não é privilegiar apenas as especializações (as partes), mas é introduzir uma cultura de base que implique no conhecimento do conhecimento que levará o ministro e a igreja a adquirirem uma visão do todo, do contexto.⁵³

A articulação entre os conhecimentos levará os pastores ao conhecimento do contexto para que sejam capazes de contextualizar de forma saudável⁵⁴ e lidar com os tempos vindouros e desconhecidos.

Além da fragmentação dos saberes, há outro perigo: a fragmentação do ser humano. Quando a divisão do Humano em três partes (tricotomia), ou em duas (dicotomia), acontece visando um fim metodológico ou pedagógico não se encontra grandes problemas. Porém a supervalorização de uma parte em detrimento de outra é uma mancha que precisa ser restaurada na Igreja, e essa purificação começa com a reconfiguração da visão dos ministros acerca da manifestação de Deus na criação. Não se pode anular a dimensão material do ser humano.

⁴⁹ GONZÁLEZ, 2012, p. 162.

⁵⁰ NUNES, 2018, p. 243.

⁵¹ GONZÁLEZ, 2012, p. 163.

⁵² MORRIN, 2015, p. 100.

⁵³ MORRIN, 2015, p. 18.

⁵⁴ KELLER, Timothy. *Igreja Centrada*: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 107.

Enquanto os sacerdotes continuarem a demonizar a matéria, o corpo e tudo que procede do humano, será impossível uma ação positiva e transformacional da Igreja na esfera pública. A igreja deve se empenhar em ser menos cartesiana. O mundo não necessita de semideuses, mas sim de bons humanos.

A integralidade deve acontecer não só em relação aos saberes, mas também as dimensões atuantes no ser humano. É primordial ensinar as pessoas a se enxergarem como um todo. Entender os riscos, as incertezas que fazem parte da experiência e do crescimento do humano enquanto tal. Quando se anula a dimensão humana dos ministros, acontece uma autocobrança não bíblica; uma busca pela perfeição e por uma proposta de espiritualidade ideológica. Quanto mais dualista, mais doente a Igreja se torna. Foi colocado um ideal inatingível, inalcançável. É impossível ter sanidade e espiritualidade sadia num contexto de demonização do sujeito. “É na encarnação que se revela todo propósito de Deus para os homens e mulheres criados à sua imagem e semelhança.”⁵⁵

3.2. UMA FORMAÇÃO PESSOAL

Outro elemento fundamental para a revitalização da formação pastoral brasileira é a pessoalidade. O caráter pessoal da educação se fez presente na Grécia Antiga. Um bom exemplo é o de Quirão e Fênix, presente na *Ilíada* de Homero, que foram responsáveis pela educação do herói Aquiles.⁵⁶ Posteriormente, Platão se torna o “herdeiro de Sócrates”,⁵⁷ e Aristóteles o “herdeiro de Platão”.⁵⁸

Encontramos assim, na origem da civilização grega, um tipo de educação nitidamente definido: aquele que o jovem nobre recebia dos conselhos e dos exemplos de um mais velho a quem tinha sido confiado, em vista de sua formação.⁵⁹

Na literatura cristã, Jesus escolhe doze homens e os capacita para serem precursores da mensagem de Deus pelo mundo antigo.⁶⁰ Mais tarde, Paulo treina Timóteo para ser o herdeiro de sua obra como servo de Cristo.⁶¹ Ambrósio, arcebispo de Mediolano, atual Milão, convocou

⁵⁵ ROSA, 2014. p. 195.

⁵⁶ MARROU, 2017. p. 29-42.

⁵⁷ MARROU, 2017. p. 124.

⁵⁸ REALE, Giovanni. *Aristóteles: História da Filosofia Grega e Romana* Vol. IV. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 7.

⁵⁹ MARROU, 2017. p. 41.

⁶⁰ WALKER, Wiliston. *História da Igreja Cristã*. 4ª ed. São Paulo: ASTE, 2015. p. 29-32.

⁶¹ Epístola a Timóteo I e II.

Simpliciano para ser seu mentor teológico e pastoral⁶² e foi responsável pela conversão de Agostinho.⁶³

A personalidade se torna um elemento crucial na formação pastoral, a intenção é seguir a ordenança contida em 1 Timóteo 3.2: o candidato ao bispado deve ser apto para ensinar.

O pastor é basicamente um mestre. [...] Os pastores têm de ser leais ao ensino apostólico (o *didache*) e precisam ter o dom de ensinar (*didaktikos*). E quer ensinem uma multidão ou uma congregação, um grupo ou um indivíduo (o próprio Jesus ensinou nesses três contextos), o que distingue a obra pastoral é que ela é sempre um ministério da Palavra.⁶⁴

O pastor como mestre é orientador e deve ser referência para aquele que aspira o pastorado. Infelizmente, os pastores e as comunidades cristãs terceirizaram a formação pastoral para os seminários, que cada vez mais se distanciam dos anseios da comunidade local. Deve ser estabelecida uma relação retroalimentar/mútua entre pastor e comunidade local: o pastor é construído pela comunidade local e a esta constrói.

O caráter pessoal de uma formação pastoral possibilita a transmissão da tradição, que aos poucos vem sendo expurgada das igrejas evangélicas brasileiras, e das ideias. Faz com que a ideia do mestre seja trabalhada pelo discípulo de forma mais construtiva: como foi com Jesus e os doze, Paulo e Timóteo etc.

Além disso, uma formação pastoral que acontece em relação com a comunidade e com seu mestre, tende a ser mais assertiva em relação aos desafios da comunidade local. O aspirante cresce enquanto pastor no seu contexto. É ali que tudo ganha sentido. Seu deserto são os gritos de sua comunidade e seu monte realizar um trabalho que aproxime a comunidade de Deus.

É necessário que as comunidades, juntamente com seus mestres, formem seus futuros líderes.⁶⁵ É importante que os líderes passem para os aspirantes suas ideias e certifiquem-se de transmitir o *kérygma* cristão. É crucial que o aspirante ao pastorado cresça ouvindo os gritos da comunidade local. Não é interessante para a Igreja que seus líderes renunciem a seu contexto para viver uma vida “pseudomonástica” nos seminários.

A primeira proposta a caminho de uma renovação da educação teológica no século XXI consiste em devolver essa educação ao lugar que realmente lhe corresponde, que é o próprio coração da igreja – em particular da igreja em sua expressão local. [...] O melhor aprendizado ocorre na comunidade, mas isso não deve se referir fundamentalmente à comunidade de estudantes, conforme o conceito de “seminário”

⁶² GONZÁLEZ, 2012, p. 160.

⁶³ MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. p. 46.

⁶⁴ STOTT, John. *Desafios da liderança Cristã*. Viçosa, MG: Ultimato, 2016. p. 79.

⁶⁵ GONZÁLEZ, 2012, p. 173.

desenvolvido no século XVI, mas sim à comunidade de fé onde cada estudante está inserido ou inserida.⁶⁶

A transmissão da palavra acontece no 1x1. Pastor que forma pastor. Os aspirantes recebem do seu Mestre o cuidado e a Palavra. São verdadeiros “filhos na fé” e se tornarão herdeiros e propagadores da vida dos pais.

CONCLUSÃO

É certo que alguns ideais da cultura Grega, principalmente o dualismo platônico, quando infiltrados no Cristianismo fizeram deste um grande mal para a sociedade.⁶⁷ Porém, viu-se que a simbiose entre paideia grega e cristianismo primitivo tornou possível a expansão da mensagem de Jesus e do modelo grego de cultura: “*paideia* de Cristo.”

A cultura grega é maior que o dualismo platônico. A *paideia* ofereceu aos cristãos muitas ferramentas que possibilitaram a expansão do Reino de Deus no mundo, além de tornar, junto com o judaísmo, o cristianismo em uma religião doura.

Infelizmente, os elementos da integralidade e pessoalidade que perpassaram o cristianismo primitivo e os *padres da igreja*, foram abandonados pela atual formação pastoral brasileira. E com isso, os jovens têm crescido com desapego a tradição, com pouca estrutura psicológica, intelectual, espiritual, social. Há um abismo entre o todo e as partes, as articulações são superficiais, pobres de conteúdo. A terceirização causou um distanciamento entre igreja local e teologia: a teologia do seminário não corresponde aos gritos das comunidades.

O elemento da integralidade e pessoalidade mostram como alguns princípios da educação grega clássica ainda se fazem necessários. Uma educação integral capacita o ministro para desenvolver o lado ético (alma bela) e o técnico (habilidades pastorais); o humano e o espiritual; o natural e o sobrenatural; sempre fazendo relações que possibilitem ouvir e entender a voz de Deus. Mais, mostra ao líder, que é necessário ter e saber articular conhecimentos básicos que o possibilitarão a entender sua matéria prima, a Bíblia. Uma educação pessoal, possibilita a transmissão de valores e cultura que irão preservar a tradição da Igreja Cristã. A pessoalidade requer dos mestres um arsenal apropriado para que estes consigam formar novos mestres. O futuro pastor é construído na sua comunidade à qual terá que responder: “eis-me aqui.”

⁶⁶ GONZÁLEZ, 2012, p. 171-172.

⁶⁷ ROSA, 2014, p. 194.

REFERÊNCIAS:

AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Confissões*. São Paulo: Paulus. 1984.

_____; AQUINO, Santo Tomás de. *Sobre o Mestre*. São Paulo: Kíron. 2017.

ALVES, José Eustáquio. *O fenômeno evangélico em números*. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Sociedade-e-Cultura/O-fenomeno-evangelico-em-numeros/52/44150>>. Acesso em: 21 jul. de 2019.

BARRO, Jorge Henrique. *Suicídio e o gemido dos pastores*. Revista Ultimato, 2018. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/suicidio-e-o-gemido-dos-pastores>. Acesso em: 23/10/2019.

Expositor Cristão. *Vocação Pastoral*. [S. l.], ano 129, n. 03, mar. 2015. Palavra Episcopal. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/expositor-cristao/expositor-cristao-2015-03.pdf>>. Acesso em: 11 out. de 2019.

GONZÁLEZ, Justo L. *Ministério: vocação ou profissão*. São Paulo: Hagnos, 2012.

JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014.

_____. *Paideia: a formação do homem grego*. 6ª ed. SP: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KELLER, Timothy. *Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. Campinas, SP: Kíron, 2017.

MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MORRIN, Edgar. *Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NETO, Rodolfo Gaede. *A formação teológica na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil através da EST*. Revista Caminhando v. 14, n. 2, p. 43-54, jul./dez. 2009.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação na Antiguidade Cristã*. Campinas, SP: Kírion. 2ª edição. 2018.

OLIVEIRA, Marcos Cavalcante de; HACK, Osvaldo Henrique. *Educação teológica presbiteriana: diretrizes e propostas*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

PLATÃO. *A República*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

_____. *Diálogos: o banquete, Fédon, Sofista, Político*. São Paulo: Abril Cultural, Os pensadores 3, 1972.

REALE, Giovanni. *Aristóteles: história da filosofia grega e romana Vol. IV*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. *Pré-socráticos e Orfismo: história da filosofia grega e romana Vol. 1*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola 2012.

ROBB, Kevin. *Literacy and Paideia in Ancient Greece*. New York: Oxford University Press, 1994.

RODRIGUES, M. V. *A educação superior na formação de pastores batistas: um estudo sobre a faculdade teológica batista de campinas*. Orientador: prof. dr. Eliézer Eizzo de oliveira (IFCH) prof. dr. Eduardo Chaves (FE). 2001. 222 f. Dissertação (mestrado em história, filosofia e educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ROSA, Wanderley. *O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

STOTT, John. *Desafios da liderança Cristã*. Viçosa, MG: Ultimato, 2016.

WALKER, Wiliston. *História da Igreja Cristã*. 4ª ed. São Paulo: ASTE, 2015.